

## Índice

Primeira Parte	11
Segunda Parte	71
Sobre a Autora	115

## Primeira Parte



*O homem*

Tom pensou que teria de esperar que o cabelo dela crescesse.

Chegava-lhe quase aos ombros e, embora a chuva o tivesse molhado, percebia-se que o corte era irregular, como se o tivesse cortado ela mesma, em frente do espelho. Ou então tinha ido a um cabeleireiro muito caro. Mas a gabardina velha, um tamanho acima do seu, os sapatos de salto alto esfolados... Não era provável.

Só depois reparou em como ela era bonita. Mais magra do que Madeleine. Mas o andar era parecido, como se deslizesse. Madeleine estudara Dança até aos dezassete anos. Talvez a rapariga também o tivesse feito, talvez sonhasse ser bailarina.

Era assim que lhe chamava na sua mente. A rapariga. Não tentara adivinhar o nome dela, nem o que fazia antes do anoitecer. Empregada numa loja? Teria um ar mais sofisticado, ainda que só usasse cosméticos baratos e jóias falsas. Estivera muito próximo dela uma vez e sentira o seu perfume, um cheiro a flores e a frutos. Parecia-se com um dos perfumes de marca que Madeleine usava. Os perfumes que tinha em cima da cómoda,

que escolhia com cuidado de manhã, enquanto ele a observava deitado na cama. Sempre tão longe dele, mesmo quando estava na cama ao lado e fingia ler ou dormir. Com o corpo tenso, por vezes com os punhos fechados. Tinha dificuldade em reconhecê-la: a rapariga com quem casara cinco anos atrás, que retribuía os seus beijos como se lhe tivesse amor.

Agora que estava sozinha na casa de campo talvez dormisse tranquilamente, talvez cantasse de manhã no duche e abrisse a janela para o jardim onde passava tanto tempo com as suas novelas do século dezanove. Enquanto ele trabalhava o dia inteiro em San Francisco e não sabia o que fazer com as suas noites.

Saía do escritório e ia cedo para o Clube. Sentava-se no salão mais pequeno, perto da janela, com os jornais e um policial. Depois, só com policiais. Foi quando leu *The Burning Court* que a ideia começou a tomar forma. Edward Stevens, sentado num compartimento de comboio com o manuscrito de um livro, vê a fotografia da sua mulher com a legenda Marie D'Aubray, guilhotinada em 1843 por envenenamento. Uma boa premissa. Mas era a personagem feminina que lhe interessava. Como Madeleine, Marie Stevens era loura e de olhos acinzentados, como Madeleine dava a impressão de estar longe, como Madeleine tinha uma antepassada com quem se parecia muito.

A bisavó de Madeleine chamava-se Carlotta Valdes e suicidara-se aos vinte e seis anos. Decidira saber mais a seu respeito. O anoitecer na livraria Argosi — lembrava-se de que ao entrar ainda era dia, e quando saía a noite chegava, espessa e húmida, e era como se tivessem passado muitos anos. Voltara-se para trás e vira o seu reflexo na montra e Pop Liebel a acender as luzes no interior. Pop contara-lhe a história de Carlotta, uma jovem cantora de *music-hall* que o amante aban-

donara, e que vagueava pelas ruas de uma San Francisco que já não existia a perguntar aos desconhecidos se tinham visto a sua filha. Carlotta fazia-o pensar em Mary Rose, a rapariga da peça de J. M. Barrie, à procura do seu bebé, que crescera e era um militar desaparecido na guerra.

Passara tardes de domingo sentado em frente do retrato de Carlotta Valdes na Galeria de Arte do Palace of the Legion of Honor; a parecença com Madeleine não era tão óbvia como a de Marie d'Aubray com Marie Stevens no livro de John Dickson Carr; Marie tinha uma pulseira igual — a mesma, que a mulher da velha foto, o fecho com a forma da cabeça de um gato, e quando o marido atirava a pulseira pela janela, para a escuridão dos bosques, ouvia-se ao longe o miar de gatos. Se fosse escritor, como teria inveja daquelas duas linhas.

Mas não era escritor. Não era nada além de um homem que se casara com uma rapariga rica que parecia gostar dele e com o tempo descobrira que ela só queria ficar sozinha. Estava com ele como poderia estar com outro, alguém que os pais aceitassem, alguém que tomasse conta dos negócios da família e a deixasse tranquila.

Carlotta Valdes no retrato de autor desconhecido — a assinatura era ilegível, não usava uma pulseira, mas um colar com um medalhão de rubis. O cabelo apanhado na nuca, em espiral, como Madeleine usava às vezes, e um *bouquet* de flores vermelhas e brancas no colo. Não acreditava que Madeleine conhecesse aquele retrato, estivera poucas vezes em San Francisco e, segundo os pais, ignorava a existência de Carlotta.

Encontrou o colar numa velha loja nas proximidades da livraria de Pop Liebel. Nem tinha consciência de que estivera a procurá-lo, mas quando o viu na montra percebeu que seguia um fio invisível que o levaria a locais desconhecidos. Poderia

ser o mesmo colar. Afinal, Madeleine herdara as jóias de Carlotta, e não se lembrava de alguma vez o ter visto.

A ideia de estar a seguir um fio invisível. Nem ficou muito surpreendido ao encontrar a rapariga no teatro numa representação de *Mary Rose*.

O lugar ao lado do seu estava vazio antes de as luzes se apagarem. Começara a ver a peça sem grandes expectativas, aquela Mary Rose era demasiado real, demasiado ligada à terra. Eram as palavras de Mary Rose, a macieira poderia ter crescido ali, mas a rapariga era só uma actriz. Sentira que alguém se sentava ao seu lado, uma mulher, e isso irritara-o por instantes, não tinha paciência para as pessoas que chegavam tarde ao teatro; depois, sentira o leve perfume dela e agradara-lhe, maçãs, ou talvez fosse a sugestão da macieira no palco. Entretanto esqueceu-se dela, porque as palavras dos actores o seduziam, sempre as mesmas, era o género de pessoa que via uma peça muitas vezes, um filme muitas vezes. E no palco a actriz tornara-se mais leve, mais juvenil, na verdade Mary Rose parecia mais jovem ao voltar vinte anos depois. E havia a música. Como teriam conseguido os direitos da música original de Norman O'Neill? Provavelmente nem os tinham, o teatro era antigo e sem importância, as peças não ficavam em cartaz durante muito tempo. Mas a música era aquela, misteriosa e acompanhada do gemido do vento, e como a primeira vez que vira a peça, há muitos anos, hipnotizava-o.

Quando as luzes se acenderam, a rapariga levantou-se, e era parte de tudo, do cheiro a maçãs que sentira durante a peça, da música, dos regressos de Mary Rose. Loura, bonita, com uma gabardina velha. Perdera-a no meio das outras pessoas, embora não fossem muitas, e dera por si a procurá-la na rua, onde caía uma chuva miudinha.

E seguira-a pela primeira vez.

Tinha a impressão de que algo importante estava a acontecer, mas não sabia o quê. As ruas estavam diferentes, os transeuntes debaixo da chuva miudinha passavam por ele sem o ver, passavam por ela sem a ver. E quando ela parou debaixo de um candeeiro, pensou vagamente que teria de esperar que o cabelo dela crescesse. E reparou em como era bonita. E parecida com Madeleine. Mais magra, talvez. A gabardina grande demais escondia-lhe o corpo, mas as pernas eram bonitas, nas meias que adivinhou baratas e sapatos cinzentos de salto alto.

Viu-a entrar no hotel e esperou até que uma luz se acendesse no segundo piso; ela entreabriu a janela e tirou a gabardina. Empire Hotel em Post Street, disse em voz alta. No mesmo edifício, no rés-do-chão, havia um clube nocturno. Por um instante pareceu-lhe que se chamava Twelfth Night. Mas não. Twelfth Knight. Talvez, se esperasse um pouco, ela voltasse a sair para tomar alguma coisa no clube. Mas sentia-se cansado e, de qualquer maneira, sabia onde ela estava,

E tinha muito tempo. Teria de esperar que o cabelo dela crescesse.

Mandou parar um táxi, mas saiu alguns quarteirões à frente. Apetecia-lhe caminhar e já reconhecia as ruas, não estava longe do seu Clube.

Daí a uma meia hora, depois de comer uma sanduíche no bar do Clube, sentou-se no salão pequeno com um copo de *brandy* e o livro de John Dickson Carr. Pensou que aquela rapariga, como Marie Stevens, talvez fosse um *revenant*. Uma dupla de Madeleine... Não, não eram assim tão parecidas. Talvez fosse o andar, o olhar perdido, a distância entre ela e o que a rodeava.



Deitou-se daí a pouco, mas custou-lhe a adormecer. Ainda não sabia nada, era tudo muito confuso, mas intuía que tinha muito trabalho pela frente. Até que o cabelo dela crescesse.